

ANSIEDADE E EDUCAÇÃO INFANTIL: um estudo em duas escolas municipais de Ubá-MG

PADOVANI, Maria Rita de Cássia¹; TEIXEIRA, Ana Gabriela Abrantes²; CARMO, Amanda Juliana do³; MOLLICA, Adriana Maria Vieira⁴; CONDÉ, Patrícia Peluso⁵; OLIVEIRA, Claudia Alexandre de Freitas⁶; MARTINS, Adriane⁷

¹ Estudante de Pedagogia- Unifagoc. E-mail: mariaritapadovani159@gmail.com

² Estudante de Pedagogia - Unifagoc. E-mail: anagabrielateixeira47@gmail.com

³ Docente do curso de Pedagogia - Unifagoc. E-mail: amanda.carmo@unifagoc.edu.br

⁴ Docente do curso de Pedagogia - Unifagoc. E-mail: nae@unifagoc.edu.br

⁵ Docente do curso de Pedagogia - Unifagoc. E-mail: patricia.conde@unifagoc.edu.br

⁶ Docente do curso de Pedagogia - Unifagoc. E-mail: claudia.oliveira@unifagoc.edu.br

⁷ Docente do curso de Pedagogia - Unifagoc. E-mail: adriane.martins@unifagoc.edu.br

RESUMO

O objetivo desse trabalho foi investigar a ansiedade no contexto escolar da educação infantil pela perspectiva das professoras regentes de duas escolas municipais da cidade de Ubá-MG. Para tanto, foi realizada uma pesquisa bibliográfica, descritiva, com abordagem qualitativa, cuja coleta de dados foi realizada por meio de questionários. Esses foram enviados para duas escolas diferentes do ensino público, da educação infantil de Ubá, via plataforma Google Forms. Os resultados demonstraram que as professoras compreendem a ansiedade como um incômodo para o aluno, dificultando a aprendizagem dele. Além disso, em busca de incluir esses alunos no processo de aprendizagem, ao detectar crises de ansiedade, as professoras tentam acalmar os alunos e buscam auxílio dos pais. Concluiu-se que as professoras identificam a ansiedade em seus alunos e busca acalmá-los, além de manter contato com a família. Entretanto, o tratamento com terapias é indispensável para que a própria criança consiga controlar e identificar o que está acontecendo com ela. Os números de crianças ansiosas são significativos por isso a importância de conscientização e estudo para ajudar as crianças, os professores então devem estar sempre preparados para receber essas crianças na escola, acolhendo e oferecendo segurança, buscando, para isso, apoio dos pais, especialmente, porque muitas delas sentem a separação deles.

Palavras-chave: ansiedade; educação infantil; dificuldade de aprendizagem.

1 INTRODUÇÃO

A ansiedade tem sido muito discutida nas últimas décadas, especialmente com o ritmo da vida moderna, cada vez mais acelerado. Assim, o transtorno de ansiedade é um dos maiores

grupos de problemas de doença mental para as fases da infância e da adolescência e, segundo Stallard (2002), os pensamentos ansiosos servem para alertar de algum perigo que pode acontecer, mas quando esse pensamento acontece em nível descontrolado torna-se um transtorno emocional.

Para Oliveira (2017), a ansiedade é um sentimento de desconforto; portanto, pode surgir durante o processo de aprendizagem na vida da criança trazendo muitos malefícios, pois o período escolar requer dela um certo nível de concentração para a assimilação. Porém, a ansiedade atrapalha a concentração.

Crianças com ansiedade de separação, por exemplo, também têm dificuldades na escola. Segundo Caballo e Simón (2006 *apud* OLIVEIRA, 2017), o apoio da família junto a escola é essencial para a evolução da criança ansiosa e a ajuda de profissionais da saúde também é indispensável, além do acolhimento da criança para fazer com que seus medos fiquem cada vez mais distantes.

Nesse sentido, a ansiedade é um estado emocional que influencia diretamente o desempenho, comportamento e outros aspectos da vida, fazendo com que afete a aprendizagem. Segundo Amaral e Albrecht (2022), quando não identificada desde cedo, o transtorno de ansiedade pode se acarretar muitos malefícios para a vida do aluno, como notas baixas, faltas excessivas e falta de convívio social; isso faz com que os sintomas se intensifiquem ainda mais.

A falta de convívio social, que por muitas vezes não é levado em conta, também pode ser um grande problema na vida da criança ansiosa, fazendo com que ela não tenha vontade de voltar para a escola.

Para Amaral e Albrecht (2022), a criança não tem maturidade para equilibrar as emoções negativas, então ela externaliza sem pensar nas consequências. Crianças com ansiedade ou com transtorno de ansiedade são julgadas, na maioria das vezes, pois elas têm ações sem pensar nas consequências, com intuito de retirar aquele sentimento negativo que está sentindo.

A partir dessas reflexões iniciais, este trabalho pretende responder a seguinte questão: quais percepções as professoras da educação infantil têm sobre a ansiedade em sala de aula? O objetivo geral deste trabalho foi investigar a ansiedade no contexto escolar da educação infantil pela perspectiva das professoras regentes de duas escolas municipais da cidade de Ubá-MG.

Para tanto, optou-se pela pesquisa qualitativa, que busca compreender opiniões e percepções não quantificáveis (GIL, 2008). Além disso, este é um estudo de caso descritivo. Segundo Yin (2015), o estudo de caso pretende estudar poucos objetos, enquanto a pesquisa descritiva caracteriza o fenômeno ou situação investigada. A coleta de dados será realizada por

meio de um questionário aplicado via *Google Forms* às professoras de duas escolas da rede pública municipal da Educação Infantil da cidade de Ubá-MG. O questionário, de acordo com Gil (2008), é um tipo de instrumento em que se apresenta questões por escrito às pessoas. A análise dos dados será interpretativa.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

Nesta etapa do trabalho, são expressos o embasamento teórico do presente estudo, com dois temas: a ansiedade e transtorno de ansiedade na infância e o transtorno da ansiedade para a aprendizagem.

2.1 Ansiedade e transtorno de ansiedade na infância

De acordo com Castilho *et al.* (2000), a ansiedade é um sentimento vago que mistura sensação de medo e apreensão. Desse modo, esse medo tende a antecipar algo que pode não acontecer, ao mesmo tempo, esse sentimento é essencial para a sobrevivência, pois ela que alerta para situações de perigo. Contudo, quando a ansiedade se torna exagerada, ocasionando medo mediante a situações imaginária e irreais, traz riscos ao bem-estar e à qualidade de vida, podendo impedir o indivíduo de fazer coisas simples do dia a dia. Desse modo:

A ansiedade e o medo passam a ser reconhecidos como patológicos quando são exagerados, desproporcionais em relação ao estímulo, ou qualitativamente diversos do que se observa como norma naquela faixa etária e interferem com a qualidade de vida, o conforto emocional ou o desempenho diário do indivíduo. Tais reações exageradas ao estímulo ansiogênico se desenvolvem, mais comumente, em indivíduos com uma predisposição neurobiológica herdada (CASTILHO *et al.* 2000, p.1)

Além da ansiedade trazer sentimentos de medo e insegurança, ela também repercutir em respostas fisiológicas como alterações nos batimentos cardíacos, na respiração e na pressão arterial. Acrescenta-se os sintomas como: aperto no peito, fraqueza, náusea, dores abdominais, descritos por Gonçalves e Heldt (2010). As autoras entendem que o transtorno de ansiedade na infância é um preditor de psicopatologia em adultos e em seus estudos apontam que é necessária uma “necessidade de maior atenção para o transtorno de ansiedade em crianças para que intervenções precoces possam minimizar ou até mesmo evitar doenças psiquiátricas na idade adulta” (GONÇALVES; HELDT, 2010, p.533).

Segundo Sales, Joly e Fernandes (2016 *apud* Vianna; Campos; Landeira-Fernandez, 2009):

O início ou aparecimento da ansiedade infantil está, em geral, relacionado com algumas situações, como o ingresso na escola, a mudança de casa ou de escola, a gravidez da mãe, o nascimento de um irmão, uma doença da criança, a hospitalização, a perda de um amigo ou parente, uma crise familiar, o divórcio ou uma doença dos

pais. A criança ansiosa se estressa com a própria vida, por não conseguir se sentir livre: sua atitude é de constante antecipação de fracassos, experimentando sintomas desagradáveis diante de tarefas simples.

Nesse sentido, a ansiedade em crianças pode ser muito mais difícil de se identificar, pois o medo pode ser considerado normal da idade, como explica Gonçalves e Heldt (2010, p.534):

Os transtornos de ansiedade são patologias comumente identificadas em crianças e adolescentes, podendo ocasionar prejuízos no funcionamento familiar, social e escolar. Como as crianças, sobretudo as menores, podem não reconhecer seus medos como exagerados ou irracionais e ainda dependem de uma diferenciação com a própria ansiedade decorrente do processo de desenvolvimento, os transtornos de ansiedade na infância são geralmente subdiagnosticados, subavaliados e, algumas vezes, inadequadamente tratados.

De acordo com Pires *et al.* (2020), as crianças com transtorno de ansiedade não conseguem relaxar, estão sempre reclamando de alguma coisa, possuem comportamento muito agitado e, geralmente, são hiperativas autônoma. Os pais não conseguem identificar o começo das crises, percebendo somente quando o quadro vai se agravando. As reações físicas são inúmeras, desde tensão muscular, sudorese, batimentos cardíacos acelerados a palidez e respiração ofegante. O tratamento deve ocorrer, segundo as autoras, por meio de terapias. As autoras destacam também que o tema da ansiedade infantil é pouco conhecido na sociedade

Segundo Sales, Joly e Fernandes (2016 *apud* Oliveira; Batista, 2005), na infância, a ansiedade pode manifestar-se por meio de alguns transtornos, dentre eles: transtorno de ansiedade de separação, queixas sintomáticas, transtorno de evitação e transtorno de ansiedade generalizada.

Pires *et al* (2020) acrescentam que a ansiedade pode ter origem genética ou adquirida e desperta no indivíduo desejo de fugir da situação gatilho para ansiedade. Nesse sentido, infere-se que a ansiedade na infância pode acarretar consequências negativas para o desempenho escolar e aprendizado da criança.

2.2 Consequências da ansiedade para o aprendizado

A ansiedade pode atrapalhar a vida de um aluno em vários contextos, um deles é o fato de não conseguir ter atenção por causa dos pensamentos acelerados. Desse modo, a criança pode não conseguir organizar seus pensamentos. Segundo Costa e Boruchovitch (2004):

A ansiedade dos alunos aumentaria devido à consciência de que não dominam o conteúdo e de que não sabem utilizar estratégias de aprendizagem de forma adequada nas situações de avaliação escolar. Pesquisas vêm demonstrando que alunos muito ansiosos possuem hábitos de estudo inadequados quando comparados a outros pouco ansiosos, bem como passam maior quantidade de tempo estudando; é, contudo, a qualidade dessa dedicação mais importante do que a quantidade. De forma geral,

alunos com alta ansiedade possuem também um conhecimento deficiente sobre estratégias para preparação a exames

Segundo Santos (2022), a pessoa com transtorno de ansiedade é considerada uma pessoa isolada no ambiente escolar. Assim, as crianças mais ansiosas tendem a ser mais isoladas pois evitam ter contato com outras com vergonha e medo de errar.

Para Sales, Joly e Fernandes (2016), torna-se importante fazer o diagnóstico da ansiedade para que a criança seja orientada e acompanhada, a fim de que não se confunda o baixo rendimento escolar com distúrbios ou dificuldades de aprendizagem. Crianças com o tipo de transtorno como esse pode ter seu rendimento na escola bem baixo, por isso, assim que percebida alguma alteração, essa deve ser investigada.

De acordo com a Revista Saúde (2020), a ansiedade é uma das questões psiquiátricas mais comuns na infância. Desse modo, “cerca de 10% dos pequenos sofrem de algum transtorno ansioso, e cinco em cada dez passarão por algum episódio depressivo por causa dela” (REVISTA SAÚDE, 2020, *online*). A referida revista aponta ainda que o início do ano letivo é quando as crises de ansiedade, especialmente por causa do transtorno de separação, quando a criança tem a inserção inicial na escola e começa a ficar longos períodos longe dos pais. Isso pode resultar em dificuldades de a criança se adaptar na escola, além da dificuldade de dormir ou relaxar.

Santos (2022, *online*), afirma que a ansiedade é um dos fatores de dificuldades de aprendizagem e gerar graves consequências, sendo elas: dificuldade de concentração, sentimentos negativos que tiram o foco na aprendizagem, desistências na realização de atividades como trabalhos em grupos, isolamento social, depressão e outras doenças subjacentes como cardíacas.

De acordo com Bossa (2007 *apud* AMARAL; ALBRECHT, 2022) a ansiedade na infância pode gerar dificuldades de aprendizagem e desmotivação. Para a autora, o termo dificuldades de aprendizagem se refere ao fato de a criança demorar mais tempo do que os colegas em aprender.

Para Amaral e Albrecht (2022, p.12), além das dificuldades de aprendizagem, a ansiedade tem como consequência para a criança: “desmotivação (..), sendo a alfabetização e numeração aprendizagens, notadamente, prejudicadas, isolamento social, pensamento negativo sobre a própria habilidade de efetuar as atividades sugeridas e desequilíbrio emocional expresso em comportamentos irracionais”

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Para a realização da pesquisa, foram enviados questionários pelo *Google Forms* para professoras de duas escolas de Educação Infantil do município de Ubá – MG, e foram obtidas cinco respostas. Para preservar a identidade dos professores, optou-se por adotar as seguintes identificações fictícias: Professora 1, Professora 2, Professora 3, Professora 4 e Professora 5.

A primeira questão buscou compreender o que as professoras compreendem sobre ansiedade. No geral todas entendem a ansiedade da mesma forma, como um tipo de preocupação demasiada com uma situação incerta de ocorrer no futuro. A Professora 5, por exemplo, disse que a ansiedade é *“Preocupar demais com as coisas que ainda vão acontecer. Ficar pensando insistentemente no que vai fazer ou querer no outro dia.”*. Coerentemente, Oliveira (2017) afirma que a ansiedade é um sentimento que pode levar ao desconforto e antecipação de algum perigo que pode vir acontecer.

Ao serem questionados sobre a posição dos pais em relação a ansiedade infantil, foram respondidas de maneiras diferentes, mas com opiniões bem parecidas, o Professora 1 e o Professora 2 dividem as opiniões parecidas. Para a Professora 1 *“Muitos não entendem o que é ansiedade, acham que é frescura. Eles devem procurar ajuda para eles e seus filhos.”*. Como diz Pires, Martins, Franco e Mentz (2020) é de extrema importância que seja identificado o transtorno para que seja tratado e não afete tanto a vida da criança. O professor 3 também pensa no assunto da mesma forma: *“Atualmente está muito mais fácil para os pais o acesso ao conhecimento. Dessa forma, é possível que o esse [sic] consiga através da observação diária suspeitarem e assim ajudar. Ter apoio familiar, alguém que não julgue e cuida é muito importante no tratamento.”* (Professora 3).

Questionados sobre como a ansiedade implica na educação infantil, no geral, as professoras entendem que a modernidade e seus recursos são a maior causa da ansiedade e essa prejudica o desenvolvimento dos alunos. A Professora 3 traduz a ideia geral dos professores, pois segundo ela: *“Com a nova geração que é exposta a tanta tecnologia, informação e redes sociais a ansiedade prejudica no desenvolvimento pedagógico da criança. O cotidiano dentro do seu ambiente familiar, o dia a dia na escola pode causar ansiedade fazendo com que a criança não queira ir para escola.”*. A este respeito, Amaral e Albrecht (2022, p. 8) afirmam que *“Diante das novas relações sociais e intenso ritmo de trabalho provocadas pelo advento das tecnologias da informação e comunicação e da crescente urbanização e industrialização, a ansiedade tem acometido cada vez um número maior de pessoas”*

Sobre o papel dos professores em relação às crianças ansiosas, a Professora 4 afirmou que “*Proporcionar um ambiente acolhedor, falar sobre a ansiedade em uma roda de conversa propiciando oportunidade da criança se sentir à vontade para se expressar sobre o assunto, praticar exercícios para relaxamento dessas [sic].*”, o que é coerente com os estudos de Amaral e Albrecht (2022).

Ao serem questionadas se em sua sala de aula tinham ou já tiveram alunos com quadro de ansiedade, todas as professoras disseram que sim. Sobre o papel delas, apresentaram intervenções com a busca de acalmar a criança, identificando o gatilho e buscando oferecer segurança. A Professora 5 relatou:

Percebi que ele começava ficar ansioso no final da aula, tinha medo dos pais esquecerem de buscá-lo. Começava a roer unhas e andar pela sala. Conversei com os pais, e também pedi para eles não demorar buscar. Com a chegada pontual dos pais o aluno foi melhorando por entender que não seria deixado na escola.”

A este respeito, Oliveira (2017) explica que:

Na idade escolar, algumas crianças vão à escola acompanhada por um turbilhão de sentimentos, choram sem saber o motivo, sentem medo sem saber de que, e esses sintomas maioria das vezes estão associados a vários fatores, tais como, as influências familiares, separação dos pais, perda de entes queridos, entre outros.

Dessa forma, a identificação da ansiedade e a intervenção em busca de acalmá-los, buscando auxílio dos pais são os principais relatos obtidos; entretanto, o tratamento adequado fora da escola é essencial para cuidar da saúde mental da criança.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente momento teve o objetivo de O objetivo desse trabalho foi investigar a ansiedade no contexto escolar da educação infantil pela perspectiva das professoras regentes de duas escolas municipais da cidade de Ubá-MG. De acordo com as professoras há casos de ansiedade nas escolas investigadas e esses atrapalham a rotina da criança que fica inquieta e incomodada. As professoras conhecem sintomas de ansiedade e conseguem identificar quando os alunos estão em crise.

Concluiu-se que as professoras identificam a ansiedade em seus alunos e busca acalmá-los, além de manter contato com a família. Entretanto, o tratamento com terapias é indispensável para que a própria criança consiga controlar e identificar o que está acontecendo com ela. Os números de crianças ansiosas são significativos por isso a importância de conscientização e estudo para ajudar as crianças, os professores então devem estar sempre preparados para receber essas crianças na escola, acolhendo e oferecendo segurança, buscando, para isso, apoio dos pais, especialmente, porque muitas delas sentem a separação deles.

REFERÊNCIAS

- AMARAL, Maria Fabiana do; ALBRECHT, Ana Rosa Massolin. **Os Impactos da Ansiedade para a Aprendizagem Infantil**. Curitiba, 2022. Disponível em: <https://repositorio.uninter.com/bitstream/handle/1/1021/OSIMPA~1.PDF?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 22 set. 2022.
- ASBAHR, Fernando R; CASTILHO, Ana Regina GL; MANFRO, Gisele G; RECONDO, Rogéria. **Transtornos de Ansiedade**. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbp/a/dz9nS7gtB9pZFY6rkh48CLt/?lang=pt&format=html>
- GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4.ed. São Paulo: Atlas, 2008.
- GONÇALVES, Débora Hexsel; HELDT, Elizeth. **Transtorno de ansiedade na infância como preditor de psicopatologia em adultos**. Disponível em: <https://www.seer.ufrgs.br/rngenf/article/view/7568>
- <https://saude.abril.com.br/familia/como-lidar-com-a-ansiedade-em-criancas/>
OLIVEIRA, Alana de Lima. **Ansiedade Infantil e Dificuldades de Aprendizagem: Um Olhar Psicopedagógico**. João Pessoa, 2017.
- PIRES, Giovanna Catherine Gatti; MARTINS, Julia Orlandini; FRANCO, Juliana; MENTZ, Fabiele Carla. **Ansiedade na fase infantil**. XIII JIC Jornada Integrada de cursos. Setembro, 2020. Disponível em: <http://unimeo.com.br/admin/control/files/jic/artigo/16027852955f88900f8c0fe.pdf>. Acesso em: 25 set. 2020.
- SALES, Sandra Maria da Silva; JOLY, Maria Cristina Rodrigues Azevedo; FERNADES, Debora Cecilio. **ANSIEDADE INFANTIL EM CONTEXTO ESCOLAR: ESTUDO DO INVENTÁRIO DE ANSIEDADE ESCOLAR USANDO RASCH**.
- SANTOS, Vanessa Sardinha dos. **"Quais os riscos que a ansiedade pode trazer para o aluno?"**; Brasil Escola. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/saude/quais-os-riscos-que-ansiedade-pode-trazer-para-aluno.htm>. Acesso em 24 de setembro de 2022.
- STALLARD, Paul. **Problema de ansiedade na infância**. Artmed Editora: 2002. Disponível em: https://www.larpsi.com.br/media/mconnect_uploadfiles/c/a/cap_01_27_xx.pdf. Acesso em: 10 set. 2022.
- YIN, Robert K. **Estudo de caso: planejamento e métodos**. 5. ed. Porto Alegre: Bookman, 2015.